

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

PARA UM
MUNDO
MELHOR

Tremeu-nos a mão e apertou-se-nos a garganta quando escrevemos, há um ano, aquele artigo — o último! — em que anunciámos a suspensão do nosso querido «O Trabalhador».

Mas a alma vibrou-nos de indignação e saiu-nos da pena aquela afirmação solene: Não! Não será o arrear duma bandeira, mas um reagrupamento de forças, para lutar com mais vigor, com mais eficiência, maiores efectivos, pela elevação da classe operária.

Um ano se passou! Um ano de lutas e de desânimos! Mas um ano de Fé! Na adversidade, retemperámos as energias, reanimámos o moral, endurecemos o carácter.

Eis-nos de novo aqui. Levou tempo? Mas a «equipe» multiplicou-se. Não somos hoje meia dúzia. Somos milhares.

Uma simples circular a operários com o mesmo ideal do nosso bastou para que arrancassem do seu salário — com uma energia que a nós próprios nos espantou — o dinheiro necessário. «O Trabalhador» é hoje propriedade dos mil e trezentos operários que se inscreveram como accionistas da S. E. T.

Levou tempo? Mas, ao pequeno grupo dos antigos colaboradores, outros se juntaram e hoje contamos com um grupo interessante de penas, que hão-de fazer grande este jornal. E a que vimos?

Unir os operários, colaborar com eles, estimulá-los, para se levantar neste País uma Família Operária dignificada, mais bela e mais feliz.

Trazemos mensagens de amor. Não permitiremos que, nestas colunas, se albergue o ódio. O maior e mais decidido combate que travaremos, sem trêguas nem mercê, é precisamente contra o ódio.

A nossa ambição será, portanto, fazer deste jornal o arauto intemerato do levantamento total do operariado português: melhores técnicos, melhores camaradas, mais luz, mais educação, mais cultura, mais pão e melhores casas para quem trabalha. Numa palavra: uma vida melhor, mais humana, mais própria de homens e de cristãos.

Não será fácil a nossa tarefa?

Creemos que sim! «O Trabalhador» é de todos. Todos hão-de colaborar connosco nesta obra, para legarmos aos nossos filhos um mundo melhor.

Avante! «O Trabalhador» saúda-vos, operários portugueses! E conta convosco.

QUESTÕES ECONÓMICAS

A SOLUÇÃO COOPERATIVA

É um facto mundial o desequilíbrio entre os preços e os salários. Na França, por exemplo, os preços aumentaram umas 10 vezes em relação ao nível de antes da guerra, ao passo que os salários não melhoraram senão umas cinco vezes. No nosso país, enquanto o custo da vida subiu mais de três vezes em relação ao montante de 1939, o valor nominal dos salários anda apenas pelo dobro do que era há oito anos.

Estas diferenças significam uma coisa simples: queda do nível de vida, ou, o que vale o mesmo, do poder de compra das classes trabalhadoras. Essa quebra do poder de compra não foi em toda a parte a mesma, nem tem os mesmos caracteres, nem as mesmas causas. As coisas passam-se entre nós, por exemplo, mais benignamente do que em França. Felizmente, para nós, não participamos na guerra.

Não vamos entrar na análise deste fenómeno económico. As suas causas são muito variadas, e os seus aspectos financeiros muito complexos. A sua solução está longe de ser coisa simples, como poderia afigurarse à ingenuidade de alguns.

Entre os remédios possíveis — não exclusivo, mas a aplicar em conjunto com outras medidas — figura a redução das despesas e lucros do actual sistema de distribuição dos produtos: o comércio.

Entre a saída da fábrica ou das tulhas dos lavradores e a chegada às mãos do consumidor, os produtos são agravados em 100 % dos seus preços primitivos. Supondo que uma camisa custa 70\$00 nas mãos do produtor, custará 140\$00 nas mãos do comércio retalhista. Os 70\$00 de diferença são absorvidos, em parte, pelos intermediários entre o produtor e o consumidor: armazenistas, agentes e retalhistas, e em parte pelos impostos indirectos.

Quer isto dizer que, se fosse possível eliminar as alcavalas do comércio intermediário, estava descoberto o modo de obter uma redução apreciável no preço da maior parte dos produtos.

É a este fim que visam as cooperativas de consumo. A cooperativa de consumo é, por assim dizer, um organismo de distribuição dos produtos de consumo directo, qualquer que seja o seu género, comprando-os

ao produtor sem intervenção de intermediários. Por outro lado, a cooperativa não pretende fazer lucros, e alivia os artigos de certas sobrecargas de transporte e armazenagem muito dispendiosas, a que pelo actual sistema de distribuição eles estão sujeitos.

O sr. Monnet, autor do célebre plano de reconstituição económica francesa, frisava há semanas que o déficit nacional provável de um bilião de francos por dia é devido, na sua quase totalidade, «à instabilidade monetária e aos detestáveis métodos de distribuição».

As cooperativas de consumo estão hoje a tomar um grande desenvolvimento em todo o mundo. Na Bélgica, Dinamarca, Suécia, Noruega, Canadá, etc., tomam uma parte muito importante na distribuição dos produtos a retalho, tanto em

(Continua na 5.ª página)

SIM!

NÓS PENSAMOS EM VÓS

«O Trabalhador» sai no inverno. Se há dias lindos que nos encham a alma, também há noites horríveis em que o vento tudo arrasta e a chuva tudo alaga. Ao escrever estas linhas, lá fora sopra rijo o temporal.

Como não pensar naqueles nossos irmãos que moram em barracas de madeira velha e folhas podres de zinco? Como não pensar naquelas mães que não dormem porque a chuva torrencial encharca tudo e todos lá dentro da sua «casa».

— «Mais uma noite de velal» — dizia-nos um grupo de mães uma noite destas.

Sim! nós, os de «O Trabalhador», pensamos em vós, pobres mães de família, e nos vossos filhinhos encharcados até aos ossos nestas noites longas de inverno.

Fostes vós e muitos outros como vós que sofrem também a injustiça da vida, quem nos fez lançar mãos à obra, e fazer este jornal.

Não descansaremos enquanto não houver para cada família um lar, para cada lar uma casa que não võe às primeiras rajadas do temporal.

© Todos os direitos reservados

RECOMEÇANDO

Ao reatar o fio perdido, não sei bem sobre que escrever. Tenho muita alegria ao ver de novo «O Trabalhador» na rua, na casa de todos, no coração de muitos, como está no nosso coração.

Que vamos fazer? Quanto quisermos, se o quisermos.

E a primeira coisa é prepararmos-nos, prezados amigos, para assumirmos as nossas responsabilidades.

Século e meio de liberalismo e quatro séculos de capitalismo arrancaram à classe operária a cultura, o lar, a educação, o próprio pão de cada dia. O operariado ficou sem meios de dirigir, por ele mesmo, o seu trabalho, de possuir para si mesmo o fruto do seu trabalho.

Quando se deu conta do logro e sentiu a sua força, grande parte do operariado revoltou-se e quis vingar-se. Para quê?

Um século de lutas de classe não trouxe aos operários sensíveis melhorias. Continuam, com menos horas de trabalho, com mais salário talvez, continuam a ser os mesmos «dependentes», os mesmos escravos, os mesmos abandonados.

O caminho é outro. A classe operária tem de se levantar por si mesma. Mas levantar-se dignificando-se, instruindo-se, valorizando-se, tornando-se capaz de se levantar a si própria, de conquistar, por direito, o lugar que lhe pertence na direcção da economia nacional.

Muitas vezes o tenho escrito, por conhecimento próprio e alheio: se o operário se não resgatar a si mesmo, ninguém o resgatará.

E eu creio que ele é capaz de o fazer.

Quereis um exemplo? Quando se pensou em reorganizar «O Trabalhador», em fazer dele um grande semanário

(Continua na 2.ª página)

HONRA AO TRABALHO



Os nossos operários, sob a orientação dos técnicos, são capazes desta maravilha, que honra e embeleza a Capital do Império e dignifica a Nação. Respeitemos o seu valor! Mas aqueles que constroem, pelo seu trabalho, estas moradias dignas duma grande cidade, merecem que se pense ainda mais, muito mais ainda nas casas onde habitam, muitos deles, sabe Deus em que condições.

MAXENCE VAN DER MEERSCH ROMANCISTA DA CLASSE OPERÁRIA

Há hoje no Mundo um homem que tem direito ao título de romancista da classe operária. O que Zola representa para o Século XIX, Van der Meersch é-o para o Século XX. Mas é outro o estilo, outro o ambiente descrito, outra a mística que o anima. Zola representa uma época em que a classe operária havia descido de tudo e caminhava a passos largos para a aniquilação total das almas e dos corpos. Van der Meersch incarna o espírito novo duma classe operária, miserável ainda, mas sacudindo a própria miséria em repêlões violentos e constantes. Zola é a morte, Van der Meersch é a vida.

Não é menos duro o seu realismo, nem menos violento o conflito das paixões, mas enquanto Zola se afunda na contemplação do Mal, Van der Meersch eleva-se na contemplação do Bem. Para Zola, o vício e o crime são simples manifestações da vida operária e nada mais. Para Van der Meersch, a miséria moral e as paixões impuras só aparecem como fundo negro em que ressaltam as almas nobres e os sentimentos generosos. Zola é a desilusão, Van der Meersch é a esperança.

O autor do «Corps et Ames» (Corpos e Almas) conheceu de perto a vida operária. Assimilou-a, fez-se operário entre os operários, miserável entre os miseráveis, miste entre os tristes,

doente entre os doentes. A sua obra tem valor de inquérito, apressado algumas vezes em pormenores sem importância, mas real e concreto pelo que vale. Inquérito sincero, em que a alma do autor parece fundir-se com os personagens que criou, gemer com os desiludidos, revoltar-se com os desesperados, alegrar-se com os puros.

A ascensão vertiginosa da sua carreira de escritor, a consagração rapidíssima da sua obra, não lhe perturbaram o espírito nem lhe atacaram de «intelectualistas» a visão realista dos problemas operários.

Pela simplicidade da vida, pelo ascetismo da sua profissão de escritor, soube manter-se fiel à missão de defensor dos fracos, dos oprimidos, dos esmagados. Nascido em 1907 em Roubaix, cursou os liceus de Tourcoing e de Lille. Mais tarde licenciou-se em Letras e em Direito. Aos 16 anos obteve a medalha de ouro num Concurso Literário organizado por uma Associação cultural, aos 18 o prêmio de Francês no Concurso Geral dos Colégios e Liceus de França com um valioso trabalho sobre Molière. Premiado pela Academia Francesa quando da publicação de «Corps et Ames», 2.ª classificação no Prémio «Renaudot» em 1933, Prémio Goncourt em 1936, Van der Meersch permanece um simples, um amigo dos pobres, um contemplativo de Cristo Misericordioso a viver nos operários.

Nunca lhe saem dos olhos, nem do cérebro, as ruas operárias de Roubaix, as cenas de contrabando na fronteira, as vielas sinistras, as tabernas de Tourcoing e de Lille.

Sente-se um deles, elevado por Deus a esferas mais altas para os defender e iluminar. E a assimilação vai tão longe, Van der Meersch incarna tão perfeitamente a psicologia operária que passa a falar na 1.ª pessoa como se ele próprio fora um personagem do romance das pobres ruas.

Assim, em «Pêcheurs d'Hommes» (Pescadores de Homens) Van der Meersch transforma o seu livro numa espécie de diário dialogado do jockista Pierre Mardycy, figura gigantesca de apóstolo operário.

Do sucesso extraordinário desse livro que consagrou um autor e uma obra se pode avaliar, se se disser que com a última edição francesa o romance atingiu 104.000 exemplares e que o sucesso foi tão extraordinário que a Casa Editora Albin Michel, de Paris, reservou para todos os países não apenas os direitos de tradução, mas também os de adaptação teatral e cinematográfica.

E assim Maxence Van der Meersch, o romancista da vida operária que as editoriais portuguesas não descobriram ainda...

ORLANDO FERREIRA

O TRABALHO E A SOLIDARIEDADE

Na fase que antecedeu esta nova série de «O Trabalhador», focou este jornal o problema da amizade fraterna que deve unir todos os trabalhadores portugueses para além das suas divergências políticas ou religiosas, considerando o restabelecimento dessa amizade uma das bases fundamentais em que deve assentar o progresso da comunidade lusitana. Ao abrir desta nova série, parece-nos oportuno insistir, mais uma vez, sobre esse problema, certos como estamos que da sua solução depende, em boa parte, o nosso futuro.

É sobejamente conhecido que o mundo do trabalho só pode progredir eficazmente num ambiente de franca solidariedade. A solidariedade é uma virtude largamente humana que tem de condicionar toda a vida. De contrário, todo o esforço, por maior que seja, se vê limitado na sua própria potência. Uma nação que tente soerguer-se do caos em que se encontra, ou que pretenda melhorar o seu nível de vida, apela sempre para as reservas energéticas condensadas no povo trabalhador. É aí que reside a força propulsora de um futuro melhor. Ora, se essa força não encontrar, na solidariedade comum, o laço coesivo imprescindível, fatalmente se há-de sentir diminuída no seu valor.

Que assim é, sabem-no muito bem os comunistas e os cristãos, sejam estes democratas ou conservadores, os socialistas e os sindicalistas. Por isso mesmo, os melhores de entre eles, qualquer que seja a sua posição, praticam, livre e espontaneamente, a referida solidariedade.

Os outros — os mais tolos porque os menos compreensivos — quedam-se à sombra crepuscular das suas aberrações e morrem, por vezes, do excesso dos seus instintos violentos. O que não é lá muito de admirar, visto que a solidariedade que se traduz, na prática, por um espírito de civismo verdadeiramente superior, é uma virtude (ainda que de carácter primário, a fim de rasgarmos o caminho do futuro. Não o caminho da ditadura, nem da violência, mas o da VONTADE de todos em se erguerem a si mesmos. Começaremos a lutar todos juntos e não faltará quem venha conosco. Iniciaremos, portanto, o caminho com grande fé no resultado dos nossos esforços. Quando «O Trabalhador» chegar às mãos de cada um, lembrará o dever de ser melhor, de trabalhar mais, de se sacrificar mais pela construção do futuro. E eu creio que tu que me lês, ou melhor, que tu que nos lês, também há-de vir conosco,

cialmente natural) e as virtudes conquistam-se livremente, não se impõem; à força, a ninguém. Seja porém como for, o certo é que empresa onde não reine um verdadeiro espírito de solidariedade é empresa que não progride. De igual modo, comunidade que se situe, quer no plano da nação, quer noutro, desprovida desse espírito, é comunidade mutilada na sua essência e que nunca pode ver os seus fins realizados em plenitude.

Há, por isso, que interessar todos os trabalhadores portugueses que querem engrandecer-se, engrandecendo o seu país, na conquista desta virtude humana — indiscutivelmente uma das que mais podem contribuir para tornar a vida bela e cheia de alegria. Porque, afinal, a alegria existe e encontra-se no trabalho quem verdadeiramente a procura, embebiada deste espírito que deve fazer-nos crer solidários de milhões de braços e de milhões de inteligências que conosco ou até contra nós, se batem por um futuro mais pródigo, por uma vida mais digna.

Se o trabalho é um dever de todos, a solidariedade que nele nos deve unir não o é menos. E uma vez essa realidade bem compreendida, deixaria de existir a desconfiança que trazemos estampada no rosto — desconfiança mútua — quase desde a hora em que nascemos, até ao momento de baixarmos ao túmulo. Deixaria de existir a exploração do pequeno pelo grande e do grande pelo pequeno, cairiam por terra as rivalidades imbecis, as ambições mesquinhas e nojentas, os partidanismos agressivos, as violências à consciência e à liberdade alheias, — enfim, tudo isso que é o reflexo dum autêntico neo-maquievelismo, não direi já político, mas prático, que, não obstante o sangue já derramado e propagandeada boas intenções, tenta ressurgir das trevas da noite que acabamos de atravessar.

V. M.

RECOMEÇANDO

(Continuação da 1.ª página)

rio, surgiu a ideia de ser ele um jornal inteiramente operário. Uma circular partiu. Imediatamente se juntaram mais de 100 contos, das migalhas de cada um.

Os operários querem ou não? São capazes ou não? «O Trabalhador» é obra deles, feito com o seu dinheiro, dirigido por eles, administrado por eles!

Vede-lo? Pois é obra de operários!

Porque não acreditar no levantamento do operariado, nestas condições?

Eu creio, E, por isso, eis-me também aqui para com eles trabalhar, lado a lado, não na mão, olhos fitos no mesmo ideal de mística cristã e mística ope-

tária, a fim de rasgarmos o caminho do futuro. Não o caminho da ditadura, nem da violência, mas o da VONTADE de todos em se erguerem a si mesmos.

Quando «O Trabalhador» chegar às mãos de cada um, lembrará o dever de ser melhor, de trabalhar mais, de se sacrificar mais pela construção do futuro.

E eu creio que tu que me lês, ou melhor, que tu que nos lês, também há-de vir conosco,

PAGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

por ALBERTO VALENTE

ANO NOVO -- VIDA NOVA SERÁ DESTA VEZ?

A época de 1947-48 já vai adiantada, e este nosso semanário chega, positivamente, um pouco atrasado com os seus propósitos de comentar o «dia-a-dia» dos sucessos futebolísticos portugueses.

...Não há outro remédio senão pormo-nos na «bicha» — para marcar presença e para garantir a nossa posição futura.

Balancemos apressadamente a «herança» deixada pelo Velho Ano de 1947.

Vale a pena — quanto mais não seja para ficarmos conhecidos as linhas com que nos cosemos...

Orgânica Oficial

Todos sabem, com certeza, que em Portugal existem apenas *Jogadores Amadores*: — o «vil metal» parece não andar, felizmente, metido nestas coisas da bola, tudo girando por mero idealismo. Todos os «bons rapazes» que descem aos campos têm a sua vida particular perfeitamente regularizada, com bons «empregos» e com uma velhice garantida — sem necessidade de quaisquer proventos a sacar dos pontapés na «borrachas»...

Antes assim — embora, paradoxalmente, não possamos concorrer ao Torneio de Futebol dos Jogos Olímpicos, reservado a «amadores»!!!

— Já vão decorridos os primeiros 15 dias deste Novo Ano com a manutenção de várias Comissões Administrativas em postos das mais altas directorias desportivas. O facto não é de estranhar, porque, segundo consta, ele é passageiro — só para dar tempo de «arrumar a casa»...

O público ocorre cada vez em maior número aos desafios de grande cartel — especialmente a estes, vincando assim o seu entusiasmo nos dias em que os bilhetes de entrada são mais caros... para aproveitar a febre do vício!

Claro que os clubes interessados pouco lucram com tais aumentos de preços, visto os dinheiros arrecadados nas bilheteiras se «esquegirem» como enguias para impostos, para várias taxas e para um rol de percentagens... Mas há esperança numa breve revisão de encargos... que abrirá «as portas do céu» ao apetecido desenvolvimento do futebol nacional...

A Causa da Arbitragem está, evidentemente, na ordem do dia. Os «homens do apito» continuam sendo os culpados de quase tudo: — do espírito pouco desportivo de jogadores e assistentes, das violências cometidas com triste frequência, do abaixamento de valor de determinadas equipas de grande fama — e principalmente das derrotas, dos empates ou das dificuldades que os «Grandes» experimentam diante dos «Pequenos».

São uns autênticos «tratantes», os Juizes de Campo!! Calculem que para terem ensejo de fazerem mais «pirraças» aos «inocentes» aficionados clubistas — quer a Comissão Central, quer as Distritais resolveram ultimamente nomeá-los para mais de um serviço por domingo!!... Os infelizes, por vezes, nem têm tempo de se lavarem nos intervalos dum encontro para outro — mas isso é o menos... O que importa é que o público tenha o direito de os insultar, desconfiando sempre das suas intenções... e da sua honestidade... O resto — não conta, porquanto, «dizem», os «homens» ganham bem!

Organizações

Acabaram os «históricos» Campeonatos Regionais, após

discussões bravias que fizeram lembrar as Guerras do Alecrim e Mangerona... Pretendia-se, com a «morte» desses Velhos Torneios, ganhar datas — e ganhar tempo.

Na prática, claro, as coisas resultaram muito diferentes: — em vez dos Regionais «morrem», foram «crismados»; e em vez de se ganhar tempo, desperdiçaram-se dez domingos.

...Tá bem ou não tá!?

O Nacional da I Divisão começou no dia 16 de Novembro... e foi logo interrompido! No domingo seguinte vieram os «franceses» ao Estádio do Vale do Jamor alcançar a sua primeira vitória contra Portugal... em Portugal!!!!

Escusado será dizer que houve tremenda desilusão, que as «comadres» se zangaram dizem

de algumas verdades — e que chegou a manifestar-se pânico na Bolsa...

— Em compensação, o F. C. do Porto deu uma «saltada» a Valência — e deu uma autêntica lição do futebol moderno aos nossos vizinhos espanhóis. Os nortenhos trouxeram na sua bagagem uma magnífica Taça... que os valencianos tinham mandado fazer... mas para eles próprios!!!

Realmente, este Campeonato é mais de «Palavras-Cruzadas» do que de futebol.

...Mas garantem-nos que, na verdade, aquilo tem pé e cabeça, devendo chegar-se a uma conclusão.

Já agora — acreditamos que assim possa ser!

Instalações

Melhor fóra não falarmos neste assunto. Mas enfim...

Relativamente ao público, mantêm-se de pé as velhas bandadas de alguns campos, tendo aparecido, também e à última hora, bandadas novas em velhos campos.

Caso do Bessa e da Constituição, na Invicta Cidade...

Quanto a terrenos de jogo, ainda existem os mesmos cinco campos relvados!

O melhor de todos — é uma «sala de visitas», que, com todas as salas de visitas, está quase sempre fechado...

Outro, o do Lima, no Porto, passou à categoria de «quarto-independentes», com que o senhorio desejava conseguir dinheiro para todas as despesas da casa...

Os restantes são, por ordem de antiguidade, as Salésias, a Tapadinha e o Lumiar, que pertencem, respectivamente, ao Belenenses, ao Atlético e ao Sporting.

Claro que o Benfica e o Porto, entre muitos outros clubes, continuam «apertados» em campos pequenos e «pelados».

Até quando?... Sabe-se lá!... Mas se este Novo Ano de 1948 nos puder dar a resposta desejada... a este assunto e a tantos outros, — então, sim, passaremos a acreditar definitivamente na «empreita citada» e sempre desmentida «cantiga»:

Ano Novo... Vida Nova!!!

Podem ser — que diabo! tantas vezes a «cantarinha» vai à fonte, que um dia se há-de quebrar... o «enguigo»!

AO PRINCIPIAR A JORNADA

Todas as secções de um jornal novo, ou reorganizado, comegam tradicionalmente por uma pequena conversa acerca dos assuntos que serão preferidos e da maneira como se procurará tratá-los. Entendemos não dever quebrar a tradição nesta página desportiva. Embora não seja de dar demasiada importância a estes primeiros artigos onde se definem posições e linhas de conduta (pois o leitor não faz já unicamente por eles, espera pelas realizações para ajuizar), têm, contudo, sua utilidade. No princípio de uma jornada, há sempre conveniência em os companheiros saberem quais são os objectivos uns dos outros e como pensam alcançá-los.

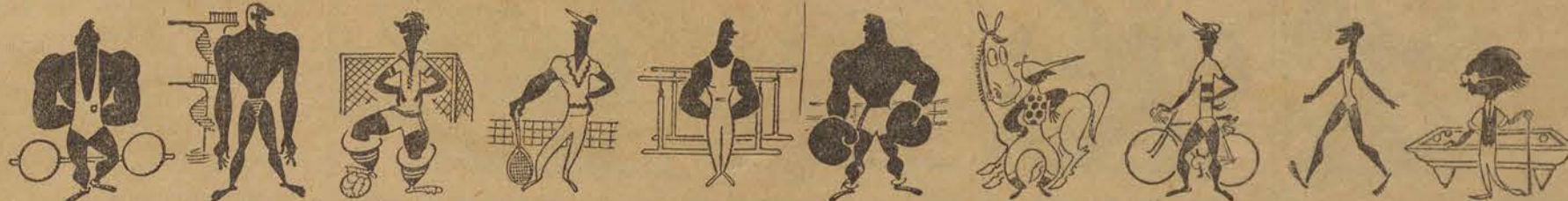
A finalidade desta secção de «O Trabalhador» é simples — além de procurar dar aos seus leitores uma informação geral do panorama desportivo da semana, quer contribuir para uma melhor elucidação da importância social do desporto, uma mais íntima relação deste com o trabalho. Não ignoramos, nas suas linhas gerais, a complexidade das questões relacionadas com esse objectivo. No nosso país, muito há a fazer em todos os aspectos do campo desportivo. Continua a ser necessário debater o problema do profissionalismo e do do amadorismo, o problema das possibilidades dos grandes e pequenos clubes, o problema da educação desportiva e do desporto na educação, e tantos outros... Os colaboradores de «O Trabalhador» não-de esforçar-se por trazer uma contribuição leal e pensada para a solução deles. E, escusado seria dizê-lo, contamos também convosco, leitores. Escrevam-nos a dar sugestões, a chamar a atenção para o que consideram bom ou mau no desporto nacional, sobretudo no campo da sua influência social. Da soma de todos os esforços, há-de resultar para o nosso povo um aumento das possibilidades de auferir do desporto os benefícios físicos e morais que ele oferece.

A partir do próximo número

DE TODOS OS DESPORTOS

REGISTO E PERSPECTIVAS DA SEMANA

por JOSÉ ILHARCO



PROBLEMAS GRAVES DO TRABALHO

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A escolha duma profissão, como o acerto na vocação, é um problema grave, de cuja boa ou má solução depende a vida inteira duma pessoa.

Quem acerta com a «sua» profissão anda alegre no trabalho, ganha-lhe estima e amor, tem brio profissional e produz muito maior rendimento para si e para a sociedade.

É isto é evidente e tão clarinho como a água pura das fontes.

E contudo... E contudo ainda ninguém entre nós cuidou a sério deste magno e gravíssimo problema do trabalho e dos trabalhadores.

Todos nós sabemos como se escolhem as profissões, regra geral. É a primeira que aparece. O rapaz ou a rapariga precisam ajudar o orçamento familiar ou empregar-se para se não viciarem na rua.

Que faz o pai ou a mãe? Pode aos conhecidos um emprego para o filho. Se tem um vizinho com oficina, é a ele que se dirige. Não importa que o rapaz tenha ou não jeito para aquilo, que seja ou não esse o seu caminho. O que importa é que vá trabalhar.

Se é mais fraquito, ou mais toleirão — às vezes os toleirões são os pais! — quer um lugar num escritório, numa casa de comércio. Sempre anda mais limpinho!

As vezes, também é a ganância quem determina a profissão do garotol. Aquela emprego tem mais futuro, aquela profissão campo mais aberto...

E assim a profissão vai ser determinada, não pelas aptidões ou pela vocação do aprendiz, mas pela necessidade, pela urgência, pelo capricho, pela vaidade ou pela estupidez.

O resultado desta anarquia é profundamente desastroso: incompetência, aborrecimento, fraco rendimento, incapacidade de progresso, mudanças de profissão, desemprego, revolta, etc.

Não há nada mais triste do que ouvir desempregados responder à pergunta: — Que emprego desejas?, com a resposta brutal: — qualquer coisa onde ganhe o pão!

Qualquer coisa! Pois então cada qual pode servir para tudo?

Mas é nisso que andamos desde o Pai Adão, sem o mínimo interesse pela solução deste problema gravíssimo, que afecta não só a pessoa e a futura família de que o aprendiz há-de ser chefe, mas também o bem comum, que exige cada um no seu lugar, isto é, no lugar onde dê melhor rendimento à colectividade.

Desde há muito que o assunto tem sido estudado lá fora com afinco. Desde há muito que se encontra senão total-

mente resolvido, ao menos em grande parte, pelos centros de orientação profissional, devidamente apetrechados e dirigidos.

A Bélgica, por exemplo, com tanta população como a nossa, possuía, em 1945, vinte e seis Centros de Orientação Profissional reconhecidos pelo Estado nas regiões de expressão francesa, e quarenta e cinco, nas regiões de expressão flamenga. Ao todo, 71!

Entre nós, existe o Instituto de Orientação Profissional, com um único centro, em Lisboa, onde os meninos do liceu comparecem, às vezes.

Dos aprendizes, da juventude operária, pode dizer-se, não vai lá um só! E se fosse, estará ele à altura da sua missão?

Este problema não interessa apenas ao futuro operário. Interessa à indústria, interessa ao comércio, interessa à Nação! Numa palavra: interessa ao País inteiro e a todos os portugueses.

Se interessa, porque motivo se não fez ainda nada, se não promoveu ainda nada, para se entrar no caminho da solução?

Ao menos, que o INTERESSE ECONÓMICO da orientação profissional suscite entre nós um movimento de propagação tal que, dentro de poucos anos, tenhamos também nós o caso resolvido.

Nós nos encarregaremos da propagação nos meios operários. Que outros nos ajudem a convencer os patrões e o Estado.

O que se passa, não pode continuar mais.

Por isso, voltaremos à carga, incessantemente. Primeiro pela Orientação Profissional. Depois pelo Ensino Profissional, meios indispensáveis da valorização do Trabalho, da elevação dos salários, do progresso da economia nacional, e do respeito pela inalienável dignidade da pessoa humana do aprendiz.

APRENDEI ECONOMIA...

por ABEL VARZIM

Um dos motivos pelos quais o operariado não tem obtido o lugar que os seus direitos humanos lhe conferem, é a sua falta de preparação económica. O operário trabalha... para ganhar a vida. Não tem outro objectivo. Desconhece o valor do trabalho, não sabe como se monta e dirige uma empresa. Não faz ideia da complicação da vida económica.

Para ele, o patrão é o homem com dinheiro que resolveu ganhar mais dinheiro à custa do trabalho alheio. É, por isso, muitas vezes se convence de que a solução dos seus males será... suprimir os patrões. Mas como ele não está à altura de substituir o patrão, pensa às vezes que o remédio está em entregar tudo ao Estado. Triste e desastrosa solução. O operário fica na mesma um assalariado, um subordinado, um dependente.

Outros, mais espertos, preconizam que as fábricas, as empresas se transformem em cooperativas de produção, nas quais o lucro e a propriedade — bem como os riscos do negócio — pertencem aos trabalhadores (dirigentes e executores). Há ainda outros — e esta é a nossa ideia — que prefeririam ir concedendo aos operários acesso à propriedade e à gestão das empresas, como caminho do futuro.

Muito bem! Todos nós estamos de acordo em que alguma coisa é preciso fazer-se, e este jornal aparece precisamente para isso. Mas a minha experiência de casos concretos em que me meti leve-me à conclusão de que aos operários falta competência e ideal para assumirem, com proveito, as suas responsabilidades. Sim! as suas responsabilidades, porque isto de direitos também implica deveres ou responsabilidades.

A experiência tem-me dito que o operário só se move diante de vantagens imediatas: a «rova» a mais no salário, as férias pagas, o domingo remunerado, etc.

Tudo o que seja semear para colher no futuro, não o comove. E por isso não está à altura de dirigir uma empresa, porque essa supõe, além do

resto, semear para colher, privar-se duma coisa para depois a obter do brado.

Por outro lado, tenho observado que o operário não tem clara noção do bem comum, do bem de todos. Ele deseja, é certo, o bem de toda a gente, mas não sabe como ele se consegue. Pensa apenas em distribuir dinheiro... dos outros ou do Estado. É como é que esse dinheiro se há-de juntar para se poder distribuir, como é que ele se faz? Nisso não pensa o operário, por via de regra. O bem comum para ele é a vida barata, o salário alto, a casa bem recheada e o conforto, o asilo para aqueles que não podem trabalhar, etc. Ora o bem comum supõe antes de mais nada o trabalho de todos para bem de todos, isto é, que cada um se esforce o mais que puder, que dê o melhor rendimento que puder, que produza cada um o mais que lhe for possível, para que haja abundante produção. Só assim se pode pensar em abundante distribuição.

Enquanto o operário estiver convencido de que trabalhar bem é só esquecer o patrão, é claro que ele não está à altura das responsabilidades das direcções da economia.

Se este jornal fosse destinado a patrões, também muito lhes tinha a dizer. Mas como não é, contento-me com chamar a atenção dos operários para esta verdade que eles trazem muito esquecida: enquanto não se valorizarem a si mesmos, nada conseguirão que modifique essencialmente a sua situação.

A ordem, portanto, é esta: — Levantamento intelectual da classe operária, para se poder realizar o seu levantamento económico e social.

Com esta finalidade, eu melhor, para contribuir para o seu levantamento, iremos dando-lhe aqui, nestas colunas, alguns ensinamentos fundamentais sobre economia. É a base principal da valorização do trabalho.

Conto com que os leitores deste jornal alguma coisa aproveitarem.

Mãos à obra, portanto!

APRENDER

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Com muita mágoa, damos aos leitores do antigo «O Trabalhador», a triste notícia de que o nosso colaborador que tanto entusiasmo despertou na secção «Aprender sem querer» — o querido amigo Léo — se encontra impossibilitado, por um certo tempo, de continuar na nossa «equipe». Uma grave doença levou-o ao Cemitério, onde esperamos, encontrar de novo a saúde perdida.

Para ele vão os melhores votos de rápido restabelecimento, e a nossa profunda saudades por o não termos, por enquanto, junto de nós.

Substitui, nesta secção, um novo elemento, — o César — que esperamos saberá prender os leitores, como o fez Léo.

«Aprender... sem querer» é o título desta secção do jornal, deste cantinho, dispomos assim, da nossa casa, onde recebemos semanalmente todos os leitores interessados em aprender e até mesmo os que, apenas por desfastio, relacarem os alhos pelos ensinamentos que seleccionamos.

Não será apenas uma secção recreativa com palavras cruzadas, charadas e anedotas; será também cultural; é nosso intuito valorizá-la ao máximo, fornecendo aos nossos leitores elementos de estudo que lhes permitam familiarizar-se com os segredos de certas técnicas.

Da experiência de alguns, poucos que sejam, podem aproveitar todos.

É por isso que nos dirigimos aos nossos leitores no sentido de colaborarem connosco, fazendo-nos sugestões e propondo-nos problemas que procuraremos solucionar, nem que para isso tenhamos de recorrer aos próprios leitores que o saibam e queiram ajudar-nos a resolvê-los.

Cremos ser esta uma orientação cheia de interesse, de perspectivas novas e de novos horizontes para a cultura dos operários. Seremos, a bem dizer, o ponto intermédio entre os que não sabem e os que sabem, mesmo quando se trate de perguntas de algebrina.

Um caso concreto: Há, por exemplo, um concurso: qualquer leitor pode consultar-nos sobre o programa, sobre a matéria dum exame. Procuraremos resolver as dificuldades propostas, apontaremos a conveniente bibliografia e quando a complicação for maior — como não somos enciclopédicos — recorreremos à experiência dos nossos leitores que queiram colaborar connosco.

«Aprender... sem querer» é uma secção que interessa a todos, que a todos pertence, em que todos podem colaborar, uns perguntando, outros respondendo.

E aí vai a nossa primeira iniciativa (chamem-lhe concurso se quiserem).

Uma pergunta simples sobre um assunto em que poucos ou nenhum de vocês pensaram ainda.

Mas primeiro uma história: «Havia um rei que tinha uma biblioteca muito grande.

Como era estudioso e não queria, sempre que se deslocava a qualquer região, separar-se da sua valiosa biblioteca, (é fácil calcular a complicação que representava o transporte de tantos livros), resolveu condensar a biblioteca num livro só.»

Agora a pergunta: «De tantos livros que têm lido os nossos leitores, qual o que mais lhe agradou?»

Ou por outros termos: «Se tivesse de acimar os livros que possui e só pudesse ficar com um, qual escolheria?»

Trata-se duma pergunta simples; a

resposta é que poderá ser um pouco mais complicada.

Para isso, terão os leitores de fazer um balanço à sua cultura, para verem as suas lacunas. É possível que para muitos se limite a um livro de mortuários.

Mas não se aflijam. As respostas dos concorrentes vão-nos permitir elaborar um programa de leituras que pode interessar a todos.

A melhor resposta será atribuído um prémio — um livro belamente encadernado.

São valores a considerar: 1) A boa redacção da resposta, sobre as razões da sua preferência. 2) O valor do livro preferido. 3) A sutileza e originalidade ou qualquer aspecto paradoxal ou anedótico que a resposta encerre.

4) Outro valor a considerar será a possível unanimidade de opiniões sobre determinado livro.

As respostas podem ser enviadas para a redacção do jornal, com a indicação: «Aprender... sem querer».

Importante: Respeitemos os pseudónimos dos concorrentes sempre que expressamente no-lo indiquem.

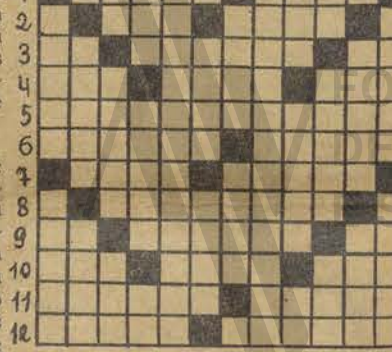
Se alguém quer sorrir...

O poeta — Calcula tu o meu espanto, quando, ao chegar a casa, vi o meu filho de quatro anos a rasgar as minhas poesias!

O amigo — Parece impossível! O pequeno já sabe ler?

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1



Horizontais: 1) Suieta a protesto; deus mitológico. 2) Mulher; rolaço. 3) Borrás; carícia; velhaça. 4) Composição poética latina; igualis; atrás (poético). 5) Extraviáveis. 6) Enrijas; cabeça rapada (pop.). 7) Costumari; traseiro (gíria náut.). 8) Consertos. 9) Ousadia, sacerdote. 7) Esbarrandar-se, adjectivo indefinido. 8) Glândulas vegetais do cheiro. 9) Levanto, cobrir, perna das reses. 10) Aqui, passas de mão em mão (marn.), entregar. 11) Repisavam, encaminha. 12) Bambo, anuais.

Verticais: 1) Classifique desprezivelmente; divindades romanas. 2) Paraíso (pl.); misturar (vinho). 3) Proposição; gastar; estar. 4) Igual; estalaj; traseiro (gíria náut.). 5) Consertos. 6) Ousadia, sacerdote. 7) Esbarrandar-se, adjectivo indefinido. 8) Glândulas vegetais do cheiro. 9) Levanto, cobrir, perna das reses. 10) Aqui, passas de mão em mão (marn.), entregar. 11) Repisavam, encaminha. 12) Bambo, anuais.

Observação: Único dicionário por nós utilizado — o de Cândido de Figueiredo.

VÃO ACABAR OS MENDIGOS?

O Ministro do Interior e o Subsecretário da Assistência ex-

puseram noutro dia, aos jornalistas, os seus planos para acabar com a mendicância em Portugal.

Nós, os trabalhadores, nós, os operários, aplaudimos com ambas as mãos a dignificadora iniciativa destes dois homens. E aplaudimos, porque somos nós — a classe trabalhadora — aqueles a quem mais interessa o assunto.

Pondo de lado os que mendigam por vício — e esses são sempre a minoria — quem pode alegrar-se tanto, efectivamente, com a extinção do flagelo, como nós que, muitas vezes, somos reduzidos pelos acidentes de trabalho, pelo desemprego, pela doença ou pela velhice, à condição de mendigos?

Quem como nós sente escaldar como ferro em brasa, numa condenação que não merecemos, a perspectiva da mendicância?

Se um de nós morre de febre ou de doença antes de ter os filhos a ganhar, que esperança levará para o outro mundo sobre a sorte deles, senão a mendicância ou ao asilo? Se um de nós cai de cama ou é levado para o hospital em longa doença, que lhe resta, como prémio do trabalho, senão mendigar ou mandar mendigar?

Se um de nós envelhece, que outra esperança lhe fica senão a esmola?

Quem como nós, portanto, se há-de alegrar com a promessa de que vão acabar os mendigos em Portugal?

Nós queremos que os orfãos e as viúvas tivessem, pelo seguro, garantido o seu pão. Nós queremos que a previdência assegurasse o salário na doença, qualquer que fosse a duração dela; e que garantisse aos inválidos não um asilo nem uma esmola mas a justa refo-

ma, prémio de uma vida de trabalho.

Portanto, nós aspiramos a que o nosso esforço nos dê, por direito, segurança de viver sem esmola, sem subsídios, sem asilos, como qualquer outro cidadão.

Não havia em 1940, segundo o próprio discurso governamental, 204.000 pessoas com mais de 70 anos, quase todos sem previdência e sem meios de vida? Quem deu este contingente de miseráveis, senão nós os homens do trabalho manual, os empregados de balcão e de escritório?

Uma das secções que sempre despertou o maior interesse, foi esta. Vamos continuá-la. Queremos ouvir a opinião dos nossos camaradas de todo o país, para saber o que eles sentem, como pensamos, como reagim, quais os seus grandes anseios e as suas maiores aspirações.

Daqui os orientaremos, quando for preciso. Daqui estaremos em união com eles. Assim unidos, poderemos construir um mundo melhor. O trabalho tem de ser de todos, porque a tarefa é grande demais para ser realizada por poucos.

Do Norte, recebemos as primeiras impressões.

Escreve-nos um camarada: Senhor Director

Necessidades da minha profissão levaram-me ao Porto, essa laboriosa Capital do Norte, muito da minha simpatia. Tive de passar lá mais tempo do que imaginava e, como o tempo me sobrava, resolvi dar um passeio até ao campo, nos arredores da cidade.

Metti-me num «eléctrico» e segui o meu caminho. Quando nos aproximávamos do «trémium» da linha, acerquei-me do guarda-freio para melhor observar a paisagem. Eram aproximadamente umas quatro horas da tarde.

Qual não foi o meu espanto, sr. Director, quando o homem se me dirigiu com estas palavras: — O senhor dá-me licença de apunhar essa cesta? É que vou aproveitar este bocadito, para comer. Ainda não almocei.

E o homem lá seguiu, comendo e controlando a marcha do carro eléctrico, a passo de boi.

Metti-me então a conversar e vim a saber que estes homens têm oito horas de trabalho seguidas, sem descanso, e que fazem ordinariamente o que fez o guarda-freio do carro em que seguia.

Não poderá «O Trabalhador» chamar a atenção de quem de direito para semelhantes horrores? Faça o que puder, sr. Director, em favor destes homens.

A pessoa que nos escreveu esta carta merece-nos confiança, senão nem acreditávamos. Ficamos ainda dudando que assim seja. Em todo o caso, ao senhor Presidente da Câmara do Porto pedimos que investigue se assim é ou não. Não podemos investigar directamente, como esperamos em breve poder fazê-lo. Mas não temos dúvidas de que alguma coisa é preciso modificar-se nestes horários dos eléctricos do Porto.

De Torres Vedras, escreve-nos outro camarada:

Lutamos durante muito tempo para conseguir o descanso ao domingo. A batalha foi ganha por fim. A Câmara sempre se resolveu a determinar, com o aplauso quase geral, que se descesse ao domingo. Poi, bem, sr. Director, se aqui viesse, haveria de ver, com espanto, como é respeitado o dia de descanso, já estamos no relaxe. Não haverá remédio para isto?

O mal do trabalho ao domingo, infelizmente, é geral por essas terras alem, prezado camarada, sobretudo por estas terras do sul.

Mas é pena, porque Portugal é dos raros países onde se desrespeita o descanso dominical. Na França — que se diz ser bolchevista, ó ilusão! — não se trabalha ao domingo.

Na progressiva Bélgica seria isso um escândalo. E até respeitamos os dias santos os próprios socialistas! Na Inglaterra, na Dinamarca, na Holanda, etc., respeta toda a gente o domingo. Só a Rússia e os países sob o seu domínio é que não se preocupam com estes problemas. Ao ver por esta Lisboa e pelos arredores como se trabalha ao domingo, somos levados à tentação de pensar que só entre nós tal acontece. E é pena.

Mas o melhor, prezado camarada, será insistir junto da Câmara, represetar, reclamar, para que as coisas voltem ao seu lugar.

De Lisboa escreve-nos um operário.

Quando criou a riqueza senão principalmente nós?

Alegramo-nos, por isso, com as boas disposições do Governo. Mas não queríamos que o problema fosse resolvido apenas porque a mendicância é um flagelo anti-turístico, mas sobretudo por ser uma obrigação social.

Os falsos mendigos também nós queremos que sejam punidos. Eles são a vergonha da sociedade que os consente. E nós, os homens do trabalho, honramo-nos com o trabalho e, por isso, aplaudimos que seja punido aquele que, podendo, não quiser trabalhar.

Aplaudimos, por isso, as medidas tomadas e fazemos votos por que sejam eficazes. Mas é preciso não esquecer que elas de nada valerão se não se suprimirem as causas da miséria. Dissemos o Ministro do Interior. Vamos então a isso, que nós não pedimos melhor.

a voz dos nossos camaradas

rio, chefe de família, que mora para as Avenidas Novas:

O senhor Ministro do Interior, no desejo de moralizar a parte baixa da cidade, resolveu proibir o escândalo de as mulheres perdidas andarem a incomodar os transeuntes, dando à cidade um aspecto de grande baixza moral. Isto foi medida que todos aplaudiram.

Mas o que aconteceu? Transferiram-se todas para a parte Norte da cidade. Na região onde moro já não podem as pessoas sérias sair à noite. Sobretudo não podemos sair com crianças.

Já temos recebido muitas queixas idênticas de outros camaradas, que se queixam amargamente do espectáculo que se observa pelas ruas da área que vai do Marquês de Pombal ao Campo Pequeno e da Avenida da República à de António Joaquim de Aguiar.

Também de Lisboa outro camarada nos escreve:

Passamos há pouco ainda por umas quadras mais lindas do ano. Tive de percorrer, por necessidade, algumas das ruas da capital na noite de 25 para 26. Surpreende-me encontrar tanta gente na rua numa noite daquelas. Pois se até o frio intenso parecia convidar ao aconchego, à intimidade do lar onde estas festas são sagradas! Os cafés, porém, estavam quase vazios. Numa ou noutra leitaria atardara-se algum raro frequentador, que sorvia sorbumentalmente o seu café. Impressionou-me o quadro. Não terão estes família? Vivem no mundo sem terem conseguido, ou querido, criar a sua volta um halo de amor, de carinho, de simpatia? Como deve ser triste para eles o Natal!

Ora, temos pois estes dois grupos, ou «blocs», que no presente momento e em mor parte em resultado do desajuste dos homens e das muitas e tremendas dificuldades que se encontram frente a frente um do outro, numa atitude irritada de hostilidade crescente, carregadíssima de potencialidades explosivas, a que os americanos já deram o nome ominoso de «guerra fria». Mas nem por isso, — e só com bem contadas excepções de um lado e do outro — os países de ambos os grupos se encontram ainda todos politicamente ligados entre si pelo solene Pacto das Nações Unidas, e até com a obrigação explícita de regularizarem ou liquidarem, por meios exclusivamente pacíficos, quaisquer divergências políticas ou outras que na adversidade da sua vida em comum possam porventura surgir entre um ou outro dos associados da Organização, que hoje são 57 ao todo, sob pena de sanções e castigos de carácter colectivo. É a grande tragédia desta hora que passa é não saber ninguém predir se para pôr fim a essa «guerra fria», que acabamos de apontar, os dois Grandes que dominam o Mundo acabarão por se curvar perante o generoso e nobilíssimo imperativo de conciliação das Nações Unidas ou por recorrer à bomba atómica, que seria o fim científico e inglorio da nossa civilização cristã e de nós todos.

Prezados Camaradas!

«O TRABALHADOR» É UM JORNAL DOS OPERÁRIOS. FEZ-SE COM O DINHEIRO DOS TRABALHADORES.

TEM DE SE CONTINUAR COM O SEU ESFORÇO.

DAI-NOS SUGESTÕES. APONTAI-NOS OS ERROS. MANDAI COLABORAÇÃO.

COM O AUXÍLIO DE TODOS. «O TRABALHADOR» SERÁ O JORNAL QUE VÓS ESPERÁIS.

A REDACÇÃO.

S.E.T. — SOCIEDADE EDITORIAL «O TRABALHADOR» REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (provisórias) Rua das Janelas Verdes, 47 — LISBOA



TOMÉ FÉTEIRA
PORTUGAL
Marca Registrada

NÃO CONFUNDIR
AS LIMAS
"COLARINHO"

COM QUAISQUER
OUTRAS NACIONAIS
OU ESTRANGEIRAS!

A COLOSSAL
PRODUÇÃO, DIARIA, DE
TRINTA MIL LIMAS

MARCA
"COLARINHO"

COM FÁCIL COLOCAÇÃO
EM TODAS AS
PARTES DO GLOBO, É
A PROVA MAIS ELOQUENTE
DA SUPERIORIDADE DUM
PRODUTO QUE HONRA OS
TÉCNICOS E OPERÁRIOS
PORTUGUESES EM TODO O
MUNDO

TODOS OS CONSUMIDORES
DEVEM preferir,
NO SEU PRÓPRIO INTERESSE
AS LIMAS

"COLARINHO"

COVINA

Companhia Vidreira Nacional, Limitada

SANTA IRIA DE AZÓIA (PORTUGAL)
(ENTRE SACAVEM E A PÓVOA DE SANTA IRIA)

Fábrica de chapa de vidro
por sistema mecânico, produção
de chapa comum, lisa, polida,
fosca, artística e triplex,
pelos mais modernos processos

Telegramas «Covina»---Telef. Póvoa 24, 25 P.B.X.
PÓVOA DE SANTA IRIA



Os produtos neste bem merecem uma continência!



Pneus e câmaras de ar
MABOR

Produção da
Manufactura Nacional de Borracha



ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LIMITADA RUA MORAIS SOARES, 11-A LISBOA

TRABALHADORES! GUIDAI DA VOSSA ALIMENTAÇÃO O melhor alimento, o mais saudável, aquele que vos pode fornecer energias e vitalidade, é, incontestavelmente, a FARINHA 55

Vende-se em toda a parte

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O melhor caminho PARA V. Ex. SE TORNAR UM BOM GUARDA LIVROS SEM SAIR DE SUA CASA

AO INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO RUA DA PALMA, 164 - LISBOA - TELEF. 28034
QUEIRA ENTRAR NO GRÁTIS DO LIVRO CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
NOME _____
MORADA COMPLETA _____



Esta palavra lar...

A palavra lar recorda esta ou outra palavra — *lareira*, a chama que dá luz e calor e se eleva, inquietada, acima da cinza e da madeira crepitante e torturada. Chamamos lar à morada onde vivemos em intimidade com os nossos; onde nos reunimos com a nossa família ao serão; onde procuramos repouso e ânimo para recomenciar as lutas deste mundo; e onde aprendemos a dar pelos nossos o esforço do nosso trabalho e sacrifício. Assim o lar é alguma coisa mais que as quatro paredes da nossa pobre habitação. Ele não é também apenas o abrigo da mulher. Antes, é o santuário da Mãe, em que se aninha o berço e se formam jovens para a vida. Por isso, o serviço do lar não se limita a exigir à mulher todos os cuidados domésticos, de higiene, arranjo e beleza; exige, a pais e filhos, todo o esforço de carinho e vontade com que se cimenta uma vida familiar permeada de justiça e respeito mútuo.

O lar nasce da união dos esforços do marido e da mulher — da vontade dos dois de fazerem da sua pobre habitação um lugar de repouso para o corpo e para o espírito, o abrigo em que a vida seja digna e irradiar calor, em que os filhos cresçam num ambiente de serviço e respeito para felicidade de uns e outros e glória de Deus: A mulher aceitando com amor e fortaleza o jugo que o seu lugar lhe impõe e trabalhando sempre para o conforto e progresso dos seus; o marido estimando-a como à sua própria carne, amparando-a, ensinando-a, orientando-a; os dois perfeitamente unidos — nada menos que perfeitamente unidos — ensinando os filhos a dobrarem-se ao trabalho honesto e pontual e levando-os a aprender, além da ciência dos seus irmãos, a sabedoria dos seus avós. Mas, infelizmente, como são poucos hoje aqueles que tiveram alguma vez um lar! Quantos de entre nós guardam da casa dos Pais a recordação apenas de um casebre sem ar nem luz onde a atmosfera era de raros de vezes mal humoradas, de queixas de boquinhas ainda informes e de olhares revoltados de irmãos e irmãs em que afinal se espelha o próprio olhar? Quantas esposas nos saberão dizer hoje — ou mostrar — que para elas a palavra lar significa mais do que um fardo doméstico tão duro que as curva até à terra? Quantos homens não desprezaram essa palavra por lhes sugerir «cuidados lá das mulheres» e que não lhes dizem respeito? E quantos outros a quem ela nada lembra senão o mal-estar de não poderem saber dar educação aos filhos? São esses os que fogem da casa para a taberna e para os caminhos públicos... Fogem, sim, de onde não encontram nem conforto, nem ânimo, nem sossego.

O LAR EM QUE O LUME NUNCA SE ATEIA

Encontraram-se e prometeram permanecer-se; ele era contra-mestre numa fábrica, ela costureira de alfaiate. Casaram.

A rapariga, um pouco frívola, era toda dada à independência. Não admitia nenhuma prisão da parte do noivo: «quer trabalhar como tu», afirmou; e nenhum argumento a demoveu do seu propósito. Assim, colocou-se num «atelier» perto da fábrica do marido.

Passaram os primeiros meses. Os dois ordenados juntos davam-lhes para viver bem e permitiam-lhes até certos luxos. Depois, anunciou-se para breve o primeiro menino e um dia os dois deixaram de sair juntos pela manhã para o trabalho — aquele menino, que deveria ser novo traço de união entre eles, tornou-se um motivo de separação.

Ela ansiava pelo filho e falava todo entusiasmado do esforço que faria por trabalhar melhor e por subir na fábrica, para a Laura não sentir muito a falta do seu ordenado. Ela não pensava senão em retomar o emprego que lhe garantia a independência e fazia planos secretos para prover, sem sacrifício, aos cuidados do filho querido que já se movia dentro dela: desmamá-lo depois do segundo mês e mandá-lo para a casa da tia Matilde, que tinha tido três filhos e sabia do ofício de ama seca; pagar-lhe-iam uma pequena mensalidade e ficaria o assunto arrumado.

Houve discussão, mas por fim foi a Laura que venceu: «a tia Matilde é boa mulher e sabe melhor tratar do pequeno do que eu; e depois eu não me adaptava a ficar todo o dia em casa a descascar batatas e a mudar os cueiros ao meu menino... endoidecia!» — era assim que ela dizia.

Depois a vida retomou o seu curso, carregada apenas do peso de mais uma boca a encher: aquela boca pequenina do menino ausente que não se via nem ouvia e apenas se manifestava... pelas contas a pagar.

De tempos a tempos vinham notícias da tia: «O pequenino já se ri; já diz ti-ti; já tem dois dentes!...»

Vindo do trabalho, ele só pensava no seu filho estremeado que não via sorrir-lhe nem ouvia balbuciar — «pa-pá, ma-mã», que só sabia dizer «ti-ti»... E o coração apertava-se-lhe de saudades.

Aquela que ele desposara com amor causava-lhe agora fúria e nem o encantava já aquele sorriso tão fresco.

De tempos a tempos vinham notícias da tia: «O pequenino já se ri; já diz ti-ti; já tem dois dentes!...»

Vindo do trabalho, ele só pensava no seu filho estremeado que não via sorrir-lhe nem ouvia balbuciar — «pa-pá, ma-mã», que só sabia dizer «ti-ti»... E o coração apertava-se-lhe de saudades.

Aquela que ele desposara com amor causava-lhe agora fúria e nem o encantava já aquele sorriso tão fresco.

De tempos a tempos vinham notícias da tia: «O pequenino já se ri; já diz ti-ti; já tem dois dentes!...»

Vindo do trabalho, ele só pensava no seu filho estremeado que não via sorrir-lhe nem ouvia balbuciar — «pa-pá, ma-mã», que só sabia dizer «ti-ti»... E o coração apertava-se-lhe de saudades.

Aquela que ele desposara com amor causava-lhe agora fúria e nem o encantava já aquele sorriso tão fresco.

De tempos a tempos vinham notícias da tia: «O pequenino já se ri; já diz ti-ti; já tem dois dentes!...»

Vindo do trabalho, ele só pensava no seu filho estremeado que não via sorrir-lhe nem ouvia balbuciar — «pa-pá, ma-mã», que só sabia dizer «ti-ti»... E o coração apertava-se-lhe de saudades.

Aquela que ele desposara com amor causava-lhe agora fúria e nem o encantava já aquele sorriso tão fresco.

De tempos a tempos vinham notícias da tia: «O pequenino já se ri; já diz ti-ti; já tem dois dentes!...»

Vindo do trabalho, ele só pensava no seu filho estremeado que não via sorrir-lhe nem ouvia balbuciar — «pa-pá, ma-mã», que só sabia dizer «ti-ti»... E o coração apertava-se-lhe de saudades.

Aquela que ele desposara com amor causava-lhe agora fúria e nem o encantava já aquele sorriso tão fresco.

De tempos a tempos vinham notícias da tia: «O pequenino já se ri; já diz ti-ti; já tem dois dentes!...»

Vindo do trabalho, ele só pensava no seu filho estremeado que não via sorrir-lhe nem ouvia balbuciar — «pa-pá, ma-mã», que só sabia dizer «ti-ti»... E o coração apertava-se-lhe de saudades.

Aquela que ele desposara com amor causava-lhe agora fúria e nem o encantava já aquele sorriso tão fresco.

De tempos a tempos vinham notícias da tia: «O pequenino já se ri; já diz ti-ti; já tem dois dentes!...»

Vindo do trabalho, ele só pensava no seu filho estremeado que não via sorrir-lhe nem ouvia balbuciar — «pa-pá, ma-mã», que só sabia dizer «ti-ti»... E o coração apertava-se-lhe de saudades.

Aquela que ele desposara com amor causava-lhe agora fúria e nem o encantava já aquele sorriso tão fresco.

Santa Casa da Misericórdia DE LISBOA

LOTARIA NACIONAL PORTUGUESA

Lotarias Ordinárias semanais do 1.º Semestre de 1948

CAPITAL DE 4.000.000\$00 EM 25.000 BILHETES
A 160\$00 CADA UM, VIGÉSIMOS A 8\$00

62 % DO CAPITAL É DISTRIBUIDO NOS SEGUINTES

PRÊMIOS

- | | |
|-------------------------|-------------|
| 1.º prémio | 600.000\$00 |
| 2.º prémio | 100.000\$00 |
| 3.º prémio | 50.000\$00 |
| 5 prêmios de | 10.000\$00 |
| 10 » » » » » | 4.000\$00 |
| 400 » » » » » | 300\$00 |

ALÉM DE 8.045 PRÊMIOS DE TERMINAÇÕES, NO TOTAL DE 1.520.000\$00

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa e para o Tesouro Público, exclusivamente para fins de Assistência.

É estranho, ao mínimo trabalho que faço à mão os meus olhos começam-me a chorar!



"Minha senhora, isso é devido unicamente a uma má iluminação, e os seus óculos nada podem contra isso. Substitua a sua lâmpada por uma Philips de grande rendimento. Verá o excelente resultado que obtém. Este conselho é tão simples quanto pouco dispendioso, pois a luz Philips não custa quase nada".



O SENHOR CALINO E A LUA

Uma noite o Sr. Calino passeava no jardim e, olhando o fundo do poço, viu espelhada na água o que lhe parecia a própria lua.

— Olhem, pensou ele, a pobre lua caiu à água. Vou tirá-la de lá... Deixou cair o balde ao poço e logo com toda a força puxou pela corda que corria sobre a roldana. Com tanto vigor e entusiasmo puxou que se desequilibrou e caiu de costas sobre a erva.

Viu então, no céu, a lua a brilhar no meio das estrelas.

— Ora vejam lá que perfeição; puxei com tanta força que a atirei direita para o seu lugar.

Quantos senhores Calinos há neste mundo que pensam por todas as coisas no seu lugar quando apenas o orgulho e a imodéstia os atiraram de costas para o chão...

COMO EDUCAR OS FILHOS — SÒZINHA E SEM FORÇAS?

Há homens de coração tão empedernido que até em momentos de aflição ou doença se recusam a ajudar a mulher nalgum trabalho doméstico que a ela pertence! Há maridos que nunca se dignaram mostrar o interesse até aos trabalhos que parecem mesmo talhados para o Pai de família, como caçar as paredes, consertar os móveis ou os sapatos, construir o berço do Menino, fabricar os brinquedos dos filhos! Mas, o que é mais grave ainda, é existirem Pais que nunca se ocuparam da educação dos filhos, que apartam de si esse cuidado dizendo pertencer ele exclusivamente às mulheres...

A mulher, diz-se, pertence ao sexo fraco. No entanto, nalgumas regiões, as Mães têm de acudir não só a todos os trabalhos domésticos e de suportar as dores do nascimento e cuidado dos filhos, de rachar a lenha, acarretar a água e caçar a casa; cabe-lhes também tratar dos animais e da horta, levar os filhos à escola, tratar dos papéis da escola, do abono de família ou outros e ainda de ir mondar ou cavar para o campo, trabalhar para a fábrica ou percorrer a cidade na venda ambulante.

E, enquanto assim se esforça, acontece que o marido, o Pai dos filhos, que trouxe um seu selo, a despreza, esquece e avilta. Enquanto ela labuta sem descanso, ele, largando da fábrica ou da enxada, encaminha os seus passos para a taberna e não para o seu lar...

Louvor a tantas mulheres que por amor dos seus levam silenciosamente a sua carga, se curvam e rezam! Louvor a quem sem esperança terrena, sozinha, continua a caminhar! Mas, ousemos esperar que as outras, aquelas que são filhas e irmãs dessas infelizes, encontrem um dia um marido de carácter — um marido que as estime e respeite pelo seu trabalho, que queira partilhar com elas o sacrifício e dedicação, que o lar e os filhos exigem, que queiram, em suma, tomar o lugar que lhes cabe ao lado delas na educação dos filhos!

A mulher, a Mãe, aceitará sempre com alegria todos os trabalhos e sacrifícios, se ao menos o marido quiser receber os filhos dela como seus para educar pela palavra e pelo bom exemplo. Mas, sozinha e sem o amparo daquele a quem entregou no mundo a sua sorte, ela não poderá toda à educação dos filhos.

A Mãe sabe sacrificar-se, sabe dar a sua própria vida para acudir aos seus filhos. Se, tantas vezes, quase sem forças, se levanta ao romper de alva, para acender o lume e tratar dos animais, é com o pensamento nesses que o faz; se alguma vez levanta a voz no lar, é em defesa deles e não sua. Tudo que tem é para lhes dar! E no entanto, quantas vezes não lhes sabe infundir, aos seus ricos filhos, o respeito que a sua dignidade de Mãe impõe...

Ai, mas como há-de ela poder educar os seus filhos sozinha e sem forças — como exigir-lhes respeito e obediência, se à frente deles é desprezada e quantas vezes maltratada pelo marido!

Levanta então os olhos marejados de lágrimas e mergulha-os bem fundo nos olhos do seu José...

(Adapt. de um conto de Dr. Catter).

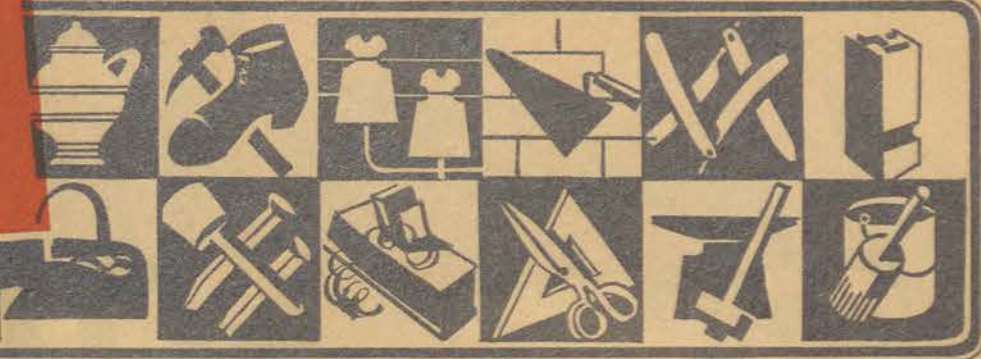
CATARINA MENDES DE ABREU

O filho do Sr. Calino no barbeiro

O Barbeiro — acabando de cortar o cabelo: Agora o menino Calino veja no espelho se gosta assim.

O Menino: — Não! O senhor cortou demais. Quero os cabelos mais compridos.





COMO SE VIVE E TRABALHA NA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO

«O Trabalhador» quer ouvir os operários, saber das suas necessidades, auscultar-lhes as suas aspirações. O jornal é de todos e para todos. Semana a semana, as profissões desfilam aqui, com as suas grandezas e misérias, com os seus altos e baixos, levando todos os trabalhadores ao conhecimento da vida e da alma dos seus camaradas de outras profissões, que colaboram com eles no bem comum.

Porque todos, absolutamente todos os trabalhadores trabalham para bem colectivo. Uns trabalham para outros, e deles recebem também o benefício do seu esforço.

A divisão do trabalho a todos beneficia, a todos torna solidários, a todos torna devedores dos outros.

Esta solidariedade social, esta dívida social há que a mostrar bem alto para esmaçarmos em nós o egoísmo.

E, para o mostrar, começaremos pelos padeiros.

E que ninguém estranhe chamarmos padeiros àqueles a quem modernamente se convencionou chamar manufactores do pão ou panificadores, porque isso em nada diminui o apreço que temos por uma classe que se encontra, já diremos porquê, na vanguarda das preocupações de todos, em todos os tempos.

Que diria, se ressuscitasse, a padeira de Aljubarrota se lhe chamasse panificadora?

«Credo! Cruzes! T'arrenego!» Benzer-se-ia três vezes para morrer de susto a seguir...

*
* *

Um pouco paradoxalmente, talvez, poderíamos dizer que depois de Deus é ao padeiro que devemos a vida.

É a Deus que pedimos o pão de cada dia, mas é por intermédio do padeiro que o recebemos, fresco e branquinho (quando é...).

O pão é o alimento essencial dos povos, e pode mesmo dizer-se que um povo é o que for o pão que come.

Começando pelos padeiros o contacto com a vida profissional dos nossos camaradas, estamos tocando um dos pontos principais da vida.

*
* *

Quando o pão não nos agrada, dizemos logo mal do padeiro. Será justa a nossa queixa? Parece-nos que é bom começar por desfazer esta pequena... calúnia.

Ordinariamente, o trabalhador de padaria não tem culpa nenhuma. Isso é, porém, um assunto que não vem para aqui. Nós queremos apenas mostrar a todos o esforço dos operários, as condições em que trabalham, o valor social do seu suor de cada dia. E estamos certos de que muitos preconceitos cairão quando todos souberem apreciar o trabalho de cada um.

Trabalho duro...

Talvez demos uma novidade aos nossos leitores se lhes dissermos que a indústria de panificação é uma indústria tóxica, com a agravante de não se ter encontrado até agora nenhum antídoto contra a farinha que

se entranha no organismo, causando graves prejuízos nos pulmões.

Ajunte-se ainda o facto de a indústria ser de laboração noturna e estar sujeita às mudanças bruscas de temperaturas e ter-se-á formado uma ideia do que é esta profissão.

O calor intenso a que os forneiros se vêem submetidos tira-lhes o apetite, predispondo-os para as doenças pulmonares.

No verão, principalmente, os forneiros quase não comem. Encharcam-se em água. Enchem o estômago — de água, os mais deles; de vinho e de aguardente, um ou outro, infelizmente —. As refeições são quase totalmente suprimidas. As consequências são evidentes.

...de muitos trabalhadores...

Em Lisboa, o número de operários e empregados ascende a 4.700, não

contando os que esperam colocação. E informa-nos o Sindicato que as inscrições são constantes, principalmente de gente vinda da província, que procura em Lisboa melhor remuneração para o seu trabalho.

E parece que não espantará ninguém esta contribuição da província à indústria de padaria da capital. São em número diminuto os operários de panificação oriundos de Lisboa. Em geral o lisboeta, adivinhando-lhe a dureza, foge a esta profissão.

Beira Alta, Minho, e Aveiro principalmente, são as três regiões que dão padeiros, pode dizer-se, para todo o país.

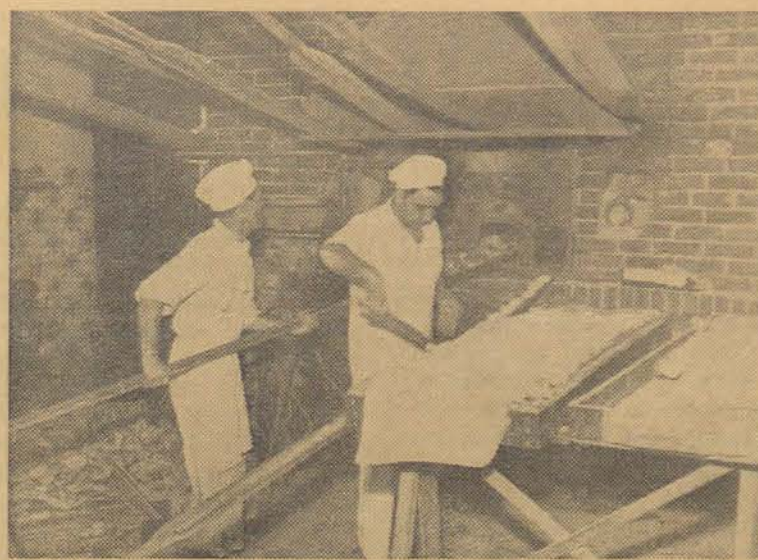
Esta circunstância faz admitir na profissão operários sem competência profissional. Esta gravíssima deficiência seria suprida pela criação de uma escola de panificação. Podia servir, talvez, a padaria que o Instituto Nacional do Pão mantém para experiências de farinha. Cremos que interessaria muito mais à indústria um diploma passado por aquele Instituto, do que um cartão da I. G. I. C. A., que, tecnicamente, de nada vale.

E além desta Escola Profissional, seria conveniente criar uma escola privativa de ensino primário para os analfabetos que constituem ainda uma grande percentagem.

... nem sempre bem remunerado...

Sim. Estes nossos camaradas também têm os seus problemas de salário. E reconhecem-no diversas entidades oficiais.

Os actuais vencimentos são os seguintes: Amassador, 30\$00; forneiro, 31\$80; ajudante, 24\$00; ajudante de



tendedor, 13\$20 (4 horas de trabalho, tendo depois a venda); caixairo de depósito, 744\$00 mensais; caixairo de padaria, 1.020\$00.

Várias têm sido as tentativas para se melhorarem os vencimentos destes nossos camaradas, que pretendiam um aumento de 40% para assim poderem fazer face aos encargos familiares.

... e com horários pesados

Também sobre horários de trabalho, têm aqueles nossos irmãos de labuta alguma coisa a dizer. É o caso, por exemplo, do amassador, que entra às 0,30 e sai às 8,30, com uma

hora de descanso intercalada, quando era perfeitamente viável entrar mais tarde.

Desejariam os padeiros regressar ao regime de trabalho diurno. E invocam em favor da sua pretensão alguns dos adágios do nosso povo, como: *Pão quente, muito na mão e pouco no ventre*, ou, ainda: *Pão mole, muito na mão e pouco no fole*, e tantos outros. O que é verdade, porém, é que nem os consumidores das cidades e vilas principalmente, nem os industriais estão de acordo com essa aspiração.

Os primeiros, porque não dispensam o pão mole; os segundos, porque o pão quente lhes «acode ao peso».

Mas, uma vez que se torna necessário o trabalho noturno, sempre mais penoso, é necessário que se tome isso em consideração e se retribua convenientemente.

Não está de acordo com a lei o horário dos empregados de balcão, que entram às 7 e saem às 14 horas. Praticamente, a venda do pão não vai além das 13 horas, mas, independentemente disso, esses empregados trabalham sete horas seguidas, quando é facto que a lei prevê uma hora de descanso depois de cinco horas de trabalho.

Não sabemos se será possível alterar este horário, mas alguma compensação deve ser dada aos empregados sujeitos a ele.

Por outro lado, alguns patrões impõem aos forneiros, a título gratuito, sob pena de despedimento, que ajudem os amassadores, obrigando-os a entrar à 1,30 da manhã, quando a entrada deles está marcada para as 3,30 horas.

A maioria dos autos levantados pela fiscalização do horário de trabalho incidem sobre os forneiros, compulsivamente mobilizados pelos patrões, antes da hora, para apressarem ou intensificarem a laboração das padarias. Mas, como os fiscais são poucos...

... e sem férias garantidas

Outro problema é o das férias. Há operários que estão quatro e mais anos sem gozarem as férias que a lei prevê. Um ano vem em que se afoitam a pedi-las e a reacção de alguns patrões é negá-las, contestando-lhes o direito. Defendem-se, por via de regra, torcendo o sentido daquele «bom e efectivo serviço» que vem na lei. Basta para isso que o operário tenha faltado um dia na roda do ano. Outras vezes ameaçam-no pura e simplesmente de despedimento.

mas coragem!

Pouco a pouco, lá iremos abrindo caminho para a realização da justiça para todos os que trabalham. Esperamos que os nossos esforços, bem como os de todos os interessados e os do respectivo Sindicato contribuam para dar satisfação às aspirações dos nossos trabalhadores padeiros, a quem devemos, em grande parte, poder comer o pão de cada dia.

O CELIBATO FORÇADO

das enfermeiras dos Hospitais

© Todos os direitos reservados

A vida tem aspectos bem extravagantes, por vezes. Acontecem as coisas mais pueris, que supunhamos arredadas do tempo e dos homens dos nossos dias. Pasmamos ao confrontá-las com a proclamada necessidade de coisas práticas, cheias de sentido superior.

Há, na verdade, teorias inexactas e prejudiciais na execução.

Assim divagava o nosso pensamento após a leitura de um ofício que a «Liga Portuguesa de Profilaxia Social» enviou a esta Redacção a congratular-se com o aparecimento de «O Trabalhador» e a chamar a nossa atenção para a «monstruosidade moral, cívica, religiosa e jurídica que obriga as enfermeiras civis a um celibato forçado».

O grito daquela instituição fundamenta-se na verdade triste dum facto em desacordo com os princípios morais da Constituição Política.

Partiu-se de um modo de ver teórico, absolutamente errado, ao impor-se uma doutrina discordante com o que a dignidade da mulher exige, esquecendo-se que isso pode conduzir a desmandos desprestigiadores das pessoas visadas e do meio em que exercem a profissão. É afectada, por isso, a própria família.

Não podem casar as enfer-

meiras dos hospitais civis! Os regulamentos exigem isto! — Regulamentos desactualizados, impraticáveis. E tanto assim é, que alguém nos dizia, há dias, «muitas enfermeiras casam às escondidas, os superiores sabem-no e fecham os olhos porque precisam delas». Um acontecimento tão importante, sob muitos aspectos, de que depende também a estabilidade da própria sociedade, é feito às escondidas de certa determinação, que mais se assemelha a um propósito ruinoso do que construtivo. Não seria assim visto pelo legislador, aceitamos sem dificuldade; mas o excesso de moralizar leva por vezes os responsáveis a cometimentos fora do praticável.

A imposição do celibato às enfermeiras dos hospitais civis tem de ser considerada assim, porquanto temos para nós que o celibato ou se aceita por livre vontade dentro de maneiras de ver a vida, ou seguindo normas espirituais, e isto, ao contrário, toma um aspecto diferente pelo seu significado de abnegação. Mas a quem vive em contacto com o mundo e alimenta a esperança de ter um lar, impor-se o mesmo princípio é desacerto a reclamar revisão.

É de facto uma nobre missão a enfermagem. Que se exijam especiais dotes de espírito para a exercer, está bem; mas admi-

tir-se que o casamento lhes rouba as facultades, é um erro.

Quantos à força de isolamento na vida, se materializam e perdem as vibrações da personalidade afectiva. A família é sempre refúgio onde a alma se alenta e acordamos para as grandes realidades do coração. Os filhos ensinam-nos melhor a entender as crianças. E no convívio do casal, se neles existe a devida aproximação de almas, cada um aprende igualmente a respeitar-se melhor e aos outros que vivem à sua roda.

Não; o casamento não prejudica nenhuma actividade! O contrário é que se verifica, como todos observamos. No Lar tem a mulher o seu lugar de senhora e o seu trono de rainha. Mau grado seu, nem sempre ela corresponde a essa distinção. Para que havemos de alheá-la mais ainda desse destino com que a Providência a enriqueceu?

Se errar é dos homens, deles é também remediar os erros e endireitar o que das suas mãos saiu torto.

Cremos que teria havido boa intenção ao estabelecer-se tal princípio. Verificada agora a sua reacção contrária, nos efeitos e na voz pública, é justo esperar remédio adequado, dignificador da política de boa orientação.

COELHO DE ALMEIDA